

### Cartografias da violência para o Município de São Paulo: entre territórios e territórios digitais

Antônio Miguel Vieira Monteiro\*

Gilberto Câmara\*\*

Entre o “fio da navalha” da exclusão/inclusão social coloco em debate o papel do território enquanto um possível “fio da meada” que possa dar início a uma nova trama de tecer as políticas públicas brasileiras em direção à justiça social. (KOGA, 2004)

A série Olhar São Paulo, publicação da Secretaria Municipal de Planejamento, traz para este volume a violência como tema. Certamente um enorme desafio! A complexidade da realidade brasileira, em particular em nossas grandes metrópoles, indica a necessidade de novos instrumentos para o seu planejamento e gestão. Em particular, as políticas públicas de segurança e na área da justiça criminal já não podem deixar de observar a diversidade e as desigualdades socioterritoriais, agora na escala das cidades. O urbano se manifesta nos pedaços da cidade de uma cidade em pedaços (SPOSATI, 2001; MARQUES; TORRES, 2005). Para melhor compreender e informar gestores e cidadão, precisa-se de novas abordagens ao olhar para este mosaico de pedaços que é a São Paulo do século XXI.

Este número da série temática preocupa-se exatamente com esta questão: prover o planejamento com novos instrumentos de observação, medição, monitoração e capacidade de análise para enfrentar o desafio e incluir os fatores territoriais no debate sobre a violência. Também por isso muito nos honrou o convite para escrever o texto de apresentação deste volume. No Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, com a ajuda de nossos parceiros, aprendemos que entre os polígonos dos mapas, os pixels das imagens e os diversos registros de notificação escondem-se os territórios da desigualdade e da segregação e os territórios da violência. (BEATO; ASSUNÇÃO; ALVES DA SILVA; COUTO MARINHO; REIS; ALMEIDA, 2001; LIMA; XIMENES; SOUZA; LUNA; ALBUQUERQUE, 2005).

Para revelar estes territórios, são necessárias novas tecnologias de sensoriamento remoto e geoprocessamento, inovações derivadas das tecnologias associadas aos programas espaciais. Estas geotecnologias, quando coerentemente integradas aos novos métodos estatístico-computacionais, permitem reintegrar o território, o lugar das pessoas, como elemento da análise quantitativa. Os lugares da cidade de São Paulo, assim representados, possibilitam um outro olhar sobre algumas das dimensões dos seus territórios reais (territórios de vida e territórios vividos) (KOGA, 2004), escondidas sob os números e as linhas dos mapas.

Este pequeno volume é muito rico nesta exploração metodológica, trazendo um conjunto de estudos sobre violência e criminalidade na cidade de São Paulo, com base na construção e exploração sistemática do que vamos chamar de territórios digitais (RAMOS; CÂMARA; MONTEIRO, 2007) da violência. Essencialmente, os dados básicos para todos os estudos são os registros de homicídios. Há uma boa razão para isso. Homicídios são menos propensos a subnotificações do que outros crimes, além de serem mais confiáveis do ponto de vista do registro. Nesta perspectiva, o registro de homicídios torna-se dado importante para a construção de indicadores sobre a violência.

Ao se agregarem aos registros de homicídios as informações de onde e quando estas ocorrências foram notificadas, é possível observar a distribuição espacial e temporal das mesmas quando apresentadas sobre os mapas da cidade. São Paulo possui outros pedaços: 96 distritos administrativos, mais de 13.000 setores censitários e 456 áreas de ponderação, relativas ao censo demográfico, para os quais uma rica e diversa cesta de informações sociais, econômicas e demográficas está estabelecida.

\*Coordenador do Programa Espaço e Sociedade do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – Inpe. Pesquisador associado do Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais – Cedest.

\*\* Diretor geral do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – Inpe. Pesquisador associado do Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais – Cedest.